

A RELAÇÃO MÃE E BEBÊ: O PAPEL DA AFETIVIDADE E DO VÍNCULO DURANTE O PERÍODO GESTACIONAL

Aliny Martins Rocha¹
 Andréa Karla Silva Ferreira²
 Nelvane Francisca Ferreira³
 Thamires Nascimento de Souza⁴
 Dr. Luiz Fernando Pinho⁵

RESUMO

O presente estudo foi elaborado buscando levantar uma discussão sobre o papel da mãe durante o período gestacional com relação ao vínculo emocional. Todos sabemos que o momento de gravidez é diferente para todas as mães, pois são inúmeras as circunstâncias que permeiam esse período. Nem sempre esse período vem marcado por tranquilidade e de uma expectativa positiva. Muitas vezes, a gravidez não foi planejada, ou então, não é desejada, e todo esse contingente de emoções é de alguma forma compartilhada com esse novo ser em desenvolvimento. Pautada em alguns autores que discutem o tema vínculo afetivo durante a gravidez, e o impacto que este tem no desenvolvimento do bebê, elaborou-se uma pesquisa com mães para entender como se desenvolvia a sua relação com seu filho ainda na barriga, e principalmente, se era de conhecimento delas a importância deste contato afetivo. Os resultados mostraram que as mães acreditam que a construção do vínculo afetivo na gestação é importante e que isso é construído a partir de conversas e toques na barriga.

Palavras-chave: afeto; feto; gestação; mãe-bebê; vínculo materno.

1 INTRODUÇÃO

A maternidade é um período repleto de mudanças na vida da mulher, em que cada uma passará por ele de forma diferente, obtendo experiências próprias e momentos únicos, e são essas experiências que irão refletir em sua subjetividade e na do bebê também. A intersubjetividade entre mãe e bebê é uma experiência ímpar, repleta de situações das mais variadas ordens e marcada normalmente pela

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Paulistano UniPaulistana, alinymartins3@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Paulistano UniPaulistana, de.karla@hotmail.com

³ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Paulistano UniPaulistana, nelvane.ferreira@hotmail.com

⁴ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Paulistano UniPaulistana, thamy_nds@hotmail.com

⁵ Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica – PUC SP, luiz.pinho@gps-pamcary.com.br

imprevisibilidade. O que para algumas mães é considerado uma experiência tranquila, para outras pode ser um momento traumático e cheio de turbulências.

A relação mãe-bebê é extremamente relevante para a formação da personalidade desde útero, e levando-se em consideração o impacto que esta trará para ambos os sujeitos no decorrer da vida muitas vezes, é de fundamental importância compreender o papel da mãe neste processo.

Nosso problema de pesquisa é compreender melhor esse processo pelo qual a maioria das mulheres o vivenciam, e discutir como se estabelece essa relação afetiva no período gestacional.

O método de pesquisa será através de entrevista com 23 mães, procurando extrair e quantificar suas expectativas e experiências durante a gestação.

2 RELAÇÃO ENTRE MÃE-BEBÊ NO PERÍODO GESTACIONAL

2.1 A História do Amor Materno

Para um melhor entendimento sobre o tema tratado nesse estudo é importante conhecer alguns aspectos históricos a respeito da relação entre mãe-bebê.

De acordo com Maldonado (2002) ao avaliar os conceitos sobre o amor materno é possível perceber que há uma trajetória a ser percorrida até chegar os dias atuais que se caracteriza por uma relação de carinho e amor.

Um dos aspectos históricos importantes é que desde a antiguidade a fecundidade é vista como uma benção e enquanto a infertilidade é dada como castigo divino. Em determinados períodos da História a necessidade da procriação torna-se particularmente imperiosa, como por exemplo no séc. XVI, quando a peste negra dizimou um vasto número da população europeia (Maldonado, 2002).

Percebe-se que antigamente o fato de não procriar era visto como um castigo divino. Desde a antiguidade a mulher é vista como símbolo materno, como progenitora e provedora de uma família, a incapacidade de não poder ter filhos a torna incompleta e infeliz.

O parto também sofreu grandes modificações, e com o passar do tempo observou-se que era necessária uma assistência maior, já que a taxa de mortalidade durante o momento de a mãe dar à luz estava aumentando.

Segundo Maldonado (2002) até o século XVII o parto era considerado “assunto de mulheres”, as parteiras eram nomeadas pelo sacerdote ou pela assembleia de mulheres. No entanto, com o passar do tempo o parto foi assumindo características de espetáculo, em que várias pessoas o assistiam especialmente os da realeza. Aos poucos, entre os séculos XVI e XVII começou a surgir a figura do cirurgião, e o parto foi deixado de ser um assunto de mulher tornando-se uma arte médica cada vez mais complexa.

No século XVI na Europa, confiava-se o recém-nascido a uma “ama de leite” e ela era incumbida de cuidar durante os primeiros anos de vida, o cuidado com a escolha da “ama” era muito importante, pois acreditava-se que pelo leite transmitiam-se traços de caráter. Em 1780 foi realizado um estudo o qual teve resultado que de 21.000 crianças, apenas 1.000 crianças eram amamentadas pelas próprias mães. (Maldonado, 2002)

Percebe-se que o reconhecimento de um vínculo afetivo nem sempre existiu, e que o papel de mãe foi diretamente influenciado por questões culturais em determinadas sociedades. As mães não tinham naquela época contato direto com seus filhos recém-nascidos, não sendo elas que amamentavam, nem cuidavam, pois, este papel era designado a outras mulheres.

De acordo com Badinter *apud* Maldonado, 2002, o amor materno não é um instinto, mas um sentimento que como todos os demais está sujeito a imperfeições, oscilações e modificações, podendo manifestar-se só com um filho ou com todos, acrescenta também que o alto índice de mortalidade daquela época está ligado, entre outros aspectos sanitários, ao fato do desinteresse das mães. Ainda para Badinter *apud* Maldonado, 2002, a existência do amor materno depende não só da história da mãe, como também do próprio contexto histórico.

Percebe-se que o contexto histórico em que a mãe vive influencia diretamente na construção do amor materno para com o seu bebê, sendo que hoje este vínculo é bem mais comum que nos tempos antigos, e a sociedade em que vivemos é outra, com outros pensamentos, outros conhecimentos, ou seja, outros aspectos sócio-cultural.

2.2 O período gestacional e a afetividade entre a mãe e o bebê

Nota-se que há pouco tempo, todos acreditavam que o bebê por estar dentro da barriga da mãe estava protegido do contato com o mundo exterior. Por um determinado tempo o bebê era visto como alguém que não sentia, não escutava, não entendia e não identificava exatamente nada do que estava acontecendo do lado de fora da barriga da mãe. Hoje em dia com a evolução da ciência essa concepção mudou, pois entende-se que o bebê sente, escuta e identifica todas as situações do mundo exterior.

De acordo com Azevedo e Moreira (2012) é pelo cordão umbilical que surge a inter-relação entre mãe e filho, os primeiros contatos com o meio externo são através das reações emocionais da mãe, frente ao que ela pensa, sente e vivencia, sendo assim, alterações neurais, hormonais e humorais da mãe devido a alguma perturbação emocional, são levadas ao feto agindo diretamente no seu estado emocional.

De acordo com Verny e Kelly (1989) percepções e sentimentos da criança começam a modelar o seu comportamento, e assim como as suas esperanças, a maneira como ele compreenderá, agirá como indivíduo feliz ou triste, agressivo ou ponderado, seguro ou ansioso, a partir das influências que o bebê recebe no útero através da mãe.

Para Brazelton (1988, p.32) “ao longo de toda gravidez, o feto está tendo experiências e sendo moldado pelas experiências da mãe. À medida que se move, em resposta a estas experiências, sua atividade dá a mãe o *feedback* que lhe diz como o bebê reage, dando, talvez, uma ideia de como o filho é.”

Nota-se que o mundo que cerca a mãe durante o **período gestacional**⁶ poderá influenciar na subjetividade do indivíduo, tudo o que a mãe passa no mundo exterior e interior, são captados pelo bebê, propiciando um processo de adaptação ao ambiente que lhe espera, e impactando nos seus traços de identidade.

Quando se desenvolve a gravidez em uma mulher que sofre pouquíssimos sentimentos de angústia ou de culpa, e que aceite prazerosamente sua feminilidade, o período gestacional transcorre sem transtornos. (Langer, 1981)

⁶A organização Mundial de Saúde define **Idade gestacional que a** duração da gestação é medida a partir do primeiro dia do último período menstrual normal. A idade gestacional é expressa em dias ou semanas completas (por exemplo: eventos que ocorrem de 280 a 286 dias após o início do último período menstrual normalmente são considerados como ocorridos na marca de 40 semanas de gestação).

Existem casais que são pegos de surpresa ao descobrir sobre a gestação, a partir daí tem se dois caminhos, em que alguns encararam de forma positiva, aceitando com satisfação, e o outro de forma negativa, com pensamentos de rejeição, culpa e arrependimento, tornando muitas vezes um verdadeiro caos emocional.

De acordo com Sabino (2002, p. 86) “uma mãe confusa e infeliz, com sentimentos de desvalia que a todo momento verbaliza que não é capaz, que vai dar tudo errado, exteriorizando seus sentimentos mais íntimo, poderá passá-los para o bebê.”

Percebe-se que o período gestacional é um momento muito delicado, sensível e vulnerável, quando é encarado de forma negativa, poderá ser prejudicial à saúde da do bebê e da mãe, em que em boa parte dos casos pode resultar até mesmo em uma depressão.

É claro que toda mãe principalmente as que nunca vivenciaram esse momento tem suas dúvidas, anseios e preocupações, o que é algo completamente natural.

Sabino (2002), acredita que é saudável falar honestamente com o bebê sobre dúvidas, medos, incertezas e frustrações que a gravidez aflorou.

2.3 O afeto na gestação

À medida que o bebê vai crescendo ele consegue sentir o toque da mãe, ouvir ela se comunicando, sendo essas ações essenciais para que o vínculo entre a mãe e o bebê seja construído, pois elas fazem com que ele se sinta amado e querido.

Segundo Fonseca (2010) a construção do vínculo afetivo construído pela mãe no período gestacional é fundamental, pois mãe e bebê possuem necessidade de adaptação às mudanças, que podem envolver aspectos tanto físicos quanto psíquicos, e, nessa fase, a construção do vínculo materno-filial pode contribuir para satisfazer tais necessidades.

Para Sabino (2002, p. 51) “as palavras de afeto são intensamente importantes para que o bebê se sinta amado e mais confiante”.

“O bebê que fica 7,8 ou 9 meses no útero, isolado, sem que sua mãe lhe direcione uma atenção carinhosa, pode experimentar sentimento de tristeza, apatia, solidão, desamor, rejeição, rebeldia ou ira” (Sabino, 2002, p. 40).

Percebe-se que a gravidez que não seja bem vivenciada poderá prejudicar a criança, trazendo à tona aspectos negativos em sua personalidade. Por essa razão é necessário passar ao bebê, sentimentos de amor, carinho, segurança e tranquilidade.

O período gestacional é diferente para cada mulher, o que para umas pode ser algo planejado, para outras pode ser algo inesperado. Cada indivíduo tem a sua subjetividade, seu modo de agir, pensar e sentir, refletindo em suas próprias vivências.

Para Fonseca (2010) a construção do contato afetivo se dá à partir das influências da subjetividade da mulher, dos seus valores, crenças e dos outros significativos para a mesma.

O modo como cada mulher passará por este período irá depender tanto de sua subjetividade, quanto do ambiente que a cerca.

Para Brazelton (2002) a gravidez de uma mulher reflete toda a sua vida anterior a concepção.

Nota-se que durante a gestação o bebê registra estes atos de afeto, dando a eles significados. O afeto no período gestacional pode-se ocorrer de diversas formas, através do canto da mãe para o bebê, conversas ou até mesmo através do acariciamento da barriga. É importante que toda a família se envolva neste período, demonstrando atos de amor para com o bebê.

“A ideias que seu filho terá de si mesmo, o quanto ele se amará ou se sentirá amado, depende, em grande parte, da ideia que a mãe tinha sobre ele, do quanto a mãe comunicou o seu bem querer, do quanto foi desejada a sua chegada” (Sabino, 2002, p.40).

Uma gravidez em que a mãe se apodera de bons sentimentos, momentos felizes e se dedica a dar uma atenção especial para o bebê, poderá trazer a ele, sentimentos de conforto, alegria e confiança. Por esse motivo o afeto é tão importante na vida do indivíduo desde o período gestacional, pois todas as formas de interação poderão ter certo peso no desenvolvimento da criança.

Wilheim (1997), trata sobre a importância do vínculo afetivo como fundamental para a construção da identidade do bebê.

Borsa (2007, p. 315-316) afirma:

Quando o par mãe-bebê funciona bem o ego da criança é apoiado em todos os aspectos. O bebê bem cuidado rapidamente estabelece-se como pessoa ao passo que o bebê que recebe apoio egóico inadequado ou patológico tende a apresentar padrões de comportamento caracterizados por inquietude, estranhamento, apatia, inibição e complacência.

Os acontecimentos que permeiam o ambiente familiar e ao redor da mãe e seu bebê e que de alguma forma têm importância a ponto de influenciar o novo ser em formação, impacta de tal maneira que a identidade do futuro indivíduo estará ligado a todos esses aspectos ambientais.

“A relação da mãe com seu bebê constitui-se desde o período pré-natal, e é influenciada pelas expectativas que ela tem sobre o bebê e pela interação que estabelece com ele.” (Fonseca, 2010, p. 11).

É comum ouvir experiências de mães que relatam à respeito desta interação, comentando que o bebê se meche quando ela toca a barriga fazendo carinho, ou até mesmo quando conversa, muitas vezes até sentindo que já o conhece dando-lhe mesmo uma possível personalidade.

“É com a percepção dos movimentos fetais que se instalam mais decisivamente na mãe, os sentimentos de personificação do feto. A mulher passa a atribuir ao feto certas características pessoais, segundo sua interpretação dos movimentos” (Maldonado, 2002, p.42).

Percebe-se que mãe mesmo antes do nascimento já tem suposições de como será seu filho do ponto de vista psicológico, mais calmo, mais agitado, impaciente, tranquilo, entre outras características.

Para Sabino (2002, p.43):

Infelizmente muitos pais só estabelecem relação com seus filhos após o nascimento, ou meses após o nascimento. Preocupados em satisfazer as suas necessidades básicas de sobrevivência e conforto físico, esquecem-se de atender as suas necessidades psicológicas de afeto, de segurança e de conhecer seus sentimentos.

Hoje existem diversas áreas que estão se aprofundando nesta relação intrauterina, onde visam ajudar a mãe e a família a passar por este período da melhor forma possível.

Segundo Sabino (2002), a psicologia pré-natal é uma ciência preventiva, garantindo recursos para o bebê ser mais feliz.

A preocupação com a relação mãe e bebê e o papel que diversos fatores frente ao desenvolvimento biopsicológico fez com que a ciência se aprofundasse em seus estudos para melhor compreensão.

De acordo com Sabino (2002, p. 43-44):

Os cursos de psicoprofilaxia vêm sendo oferecido à gestantes com muito mais frequência. Trata-se de um espaço aberto especialmente aos assuntos relativos à gestação, parto e pós-parto, que envolva a mãe, o bebê e as relações de família. Além do esclarecimento de muitas questões pertinentes, propicia a troca de ideias com outras gestantes e oportuniza a constatação de que os receios, dúvidas e inseguranças lhe são comuns. Porém, nem todos os cursos se dedicam ao trabalho de estreitar os laços afetivos entre a mãe gestante e seu bebê, de maneira mais profunda.

Percebe-se então, que a interação e o contato afetivo que a mãe tem para com o bebê, irá influenciar muito sobre o fato dela conseguir ter uma gravidez saudável, podendo evitar o surgimento de problemas na personalidade da criança, quando esta vir a nascer.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em diversos lugares como: ambientes acadêmicos, profissionais de âmbito social, a partir de uma amostra constituída por 23 mães com idades entre 18 à 35 anos.

O instrumento utilizado para realização da pesquisa foi um questionário com o objetivo de coletar dados através de uma entrevista a respeito do afeto no período gestacional. O questionário foi composto por 12 perguntas de múltiplas escolhas, sendo que transcrevemos neste estudo duas questões que julgamos relevantes.

3.1 Análise dos resultados

Para análise dos dados quantitativos foram calculadas as porcentagens equivalentes a cada resposta.

Tabela 1 – Frequência de mães que acredita ser importante o afeto durante a gestação.

| Respostas | N |
|---------------|-----------|
| Sempre | 22 |
| Quase Sempre | 0 |
| Provavelmente | 1 |
| Total | 23 |

Fonte: elaborado pelos autores

Nota-se que a maioria das mães, acredita que o afeto no período gestacional é importante para o bebê, sendo que 82% da amostra acredita que desenvolveu o afeto antes mesmo do nascimento do bebê.

Tabela 2 – Frequência de mães que interagiram com o bebê durante a gestação

| Respostas | N |
|--------------|-----------|
| Sempre | 16 |
| Às vezes | 4 |
| Quase sempre | 3 |
| Nunca | 0 |
| Total | 23 |

Fonte: Elaborado pelos autores

A maioria das mães interagiu com o bebê no período gestacional, resultados adicionais obtidos nesta pesquisa indicam que 96% destes meios de interação são toques e conversas e 17% através de músicas, sendo que 78% das mães notaram uma reação por parte bebê enquanto interagiam com ele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é extremamente complexo e pode ser visto à partir de uma dimensão bio-psico-socio-cultural, em que são inúmeros os fatores que contribuem para a formação da sua identidade.

O que ficou claro neste estudo, é que o papel da mãe é de extrema relevância no desenvolvimento do bebê.

A mãe é capaz de transmitir seu momento atual em termos psicológicos, ou seja, se é uma gravidez indesejada, mal planejada, em que o parceiro não lhe traz segurança emocional, se há questões econômicas envolvidas, de saúde, tudo isso, para citar apenas uma parte dos componentes emocionais, certamente, tais questões terão um impacto na formação daquele novo ser.

Logicamente que criar um ambiente perfeito, cerceando todos os componentes que representam ameaça ao bebê é algo utópico, no entanto, é preciso que programas sociais e estatais ajudem na conscientização, principalmente das mulheres jovens que

passam por essa experiência, no tocante a importância do vínculo afetivo durante o período gestacional.

É de conhecimento da sociedade que ainda temos um número muito elevado de adolescentes grávidas, cuja discussão não pode se resumir a questões da transmissão de doenças sexualmente contagiosas, do uso de preservativo e outras formas contraceptivas.

O que vemos são tímidos programas governamentais com o foco em doenças transmitidas pelo contato sexual e métodos contraceptivos. Esse pouco investimento tem razões ligadas a questão da falta de uma política pública mais audaciosa, séria, do pouco interesse nesse tipo de destinação de verbas, sem falar na questão religiosa, ainda atrelada a uma visão contrária ao uso do preservativo.

Seja qual for as razões, a política de conscientização precisa extrapolar as questões acima citadas, e ver o problema não somente a curto prazo, mas sim, a longo prazo, a partir de uma preocupação mais ampla, do indivíduo que faz parte de uma sociedade, e por conseguinte, reflexo dela.

Somos o que fazemos de nós mesmos e daquilo que recebemos de tudo que nos cerca.

Indivíduos saudáveis em todos os sentidos, inclusive socialmente, certamente aumentará a probabilidade de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elisa Cardoso; MOREIRA, Mariana Calesso. Psiquismo fetal: um olhar psicanalítico. **Diaphora**, v. 12, n. 2, p. 64-69, 2014.

BORSA, Juliane Callegaro; DIAS, A. C. G. Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério. **Rev. Contemporânea Psicanálise e Transdisciplinaridade**, v. 2, p. 310-21, 2007.

BRAZELTON, B. T. **O desenvolvimento do apego: Uma família em formação**. Porto Alegre: ArtMed, 1988.

BRAZELTON, B. T.; CRAMER, B. G. **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FONSECA, Bárbara Cristina Rodrigues. A construção do vínculo afetivo mãe-filho na gestação. **Revista científica eletrônica de psicologia**, v. 8, n. 14, 2010.

LANGER, M. **Maternidade e sexo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da Gravidez: parto e puerpério**. São Paulo: Saraiva, 2002.

SABINO, A. **Gestação à Luz do Afeto**. Brasília: Edicel, 2002.

VERNY, T.; KELLY, J. **A vida secreta da criança antes do nascimento**. São Paulo: C. J., 1989.

WILHEIM, J. **O que é psicologia pré-natal?** São Paulo: Casa dos psicólogos, 1997.